



## ESTÁDIO DE FUTEBOL: LUGAR DE MEMÓRIAS

Rosângela de Sena Almeida

### *Resumo*

*Este trabalho intenciona pesquisar e analisar o conteúdo simbólico que faz do estádio do Maracanã, um patrimônio, uma imagem emblemática e um lugar de memória no imaginário social, identificando sua influência e participação nas formações identitárias do brasileiro e promovendo a reflexão acerca do processo de construção de sua memória social.*

### *O estádio de futebol como um guardião de memórias*

No âmbito esportivo, o Maracanã é cultuado como o templo do futebol. Bem mais que um estádio de futebol, tornou-se, com o passar dos anos, um dos símbolos do Rio de Janeiro, o cartão postal da zona norte carioca, constando no roteiro turístico oficial da cidade.

Sua construção teve início em 02 de agosto de 1948, com o intuito de não somente sediar a Copa do Mundo de 1950, como de abrigar a partida final desta competição. Ele seria, na época, o maior estádio do mundo, o Estádio Municipal do Rio de Janeiro, o Maracanã. Chamado, inicialmente, de *Estádio Municipal*, deslumbrou o mundo por sua originalidade, sua forma plástica, extrema funcionalidade e segurança, entretanto, posteriormente, foi batizado de *Estádio Jornalista Mario Filho*, numa homenagem ao renomado jornalista, por seu incentivo à construção do estádio.

Apesar da frustração pela derrota no jogo final da Copa do Mundo de 1950, o Brasil organizou um evento inesquecível e com um público recorde que só foi superado décadas depois. Em 30 de outubro de 2007, a Federação Internacional de Futebol Amador (FIFA) anunciou oficialmente o Brasil como o organizador e sede da Copa de 2014. Assim, mais de cinquenta anos depois o país volta a sediar uma Copa do Mundo e outra vez a cidade do Rio de Janeiro e o estádio do Maracanã serão contemplados com o jogo final desta competição.

Atualmente não é mais o maior estádio do mundo, porém continua com grande visibilidade nacional e internacional, pois além de abrigar as mais expressivas partidas de Campeonatos regionais e brasileiros, já sediou uma partida final de Copa do Mundo.

É notório o valor simbólico que o estádio de futebol Jornalista Mário Filho - o Maracanã - tem para futebol nacional e para sociedade brasileira. Ao sediar inúmeras competições nacionais e internacionais, este estádio dá voz ao orgulho do brasileiro em ser o melhor do mundo em alguma seara, o único país a ter participado de todas as Copas do Mundo, o único pentacampeão do mundo e, em breve, o estádio que será palco das partidas finais de duas Copas do Mundo.

Sobretudo o estádio do Maracanã é um espaço promotor de eventos culturais e esportivos na contemporaneidade que provoca experiências concretas e subjetivas, desperta lembranças e memórias e media narrativas biográficas e etnográficas.

### *O simbólico de um lugar de memória*

Este estudo tenta estabelecer um debate acerca das razões que fazem do estádio em questão, um lugar de memória – conceito fundamental para o entendimento do mesmo.



Perceber a complexidade dos sentidos de *lugar de memória* é condição imprescindível para o entendimento desta pesquisa, para tanto, recorro a Pierre Nora (1993) que apresenta definições sobre tal conceituação. O autor entende que: “São lugares, com efeito, dos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos” (NORA, 1993, p.21).

Os lugares de memória são compostos de sentidos que ampliam os seus significados e sua existência. Nora (1993) afirma que um mesmo lugar pode ser material, simbólico e funcional. Um prédio, por exemplo, o estádio do Maracanã que é nosso objeto de estudo, pode ser simbólico, se existir sobre ele uma aura imaginária, algo que crie da sua materialidade um significado. Funcional pelo seu papel executado, pelo ritual que cerca a sua existência e material por ser um prédio concreto. Os três aspectos que caracterizam os lugares de memória coexistem:

É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante ao mesmo tempo a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que se caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vividos por um pequeno número uma maioria que deles não participou (NORA, 1993, p.22).

Pierre Nora admite que o lugar de memória é criado intencionalmente, assim, é preciso ter vontade de memória, na falta desta intenção/vontade de memória, o que ocorreria é que “os lugares de memória seriam lugares de história” (1993, p.22).

O autor ainda considera que a intervenção da história e do tempo, são fundamentais para a existência dos lugares de memória. Nessa relação entre a memória e a história, tão presente nas palavras de NORA (1993, p.22), quais seriam as razões para a existência dos lugares de memória.

Porque, se é verdade que a razão fundamental de ser de um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para [...] prender o máximo de sentido no mínimo de sinais, é claro, e é isso que os torna apaixonantes: que os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações.

Parar o tempo, impedir o esquecimento, manter viva a memória do lugar, de uma prática, enfim, mesmo que aquele lugar não mais exista, torná-lo um lugar de memória é não permitir que ele efetivamente seja apagado da lembrança.

Nas palavras de NORA (1993) a duplicidade dos lugares de memória, permite uma amplitude de compreensões e, conseqüentemente, uma diversidade de lugares. Esses lugares não precisam ser apenas aqueles dos grandes monumentos, que guardam ou tentam guardar uma memória nacional, podem ser também aqueles lugares que se constituíram como guardiões, tentativa de parar o tempo, das memórias locais, da memória de uma comunidade ou de uma prática cultural.

Neste sentido relaciono as dimensões complementares dos lugares de memória a partir de Pierre NORA ao objeto pesquisado, o estádio do Maracanã.

Podemos observar a amplitude do conceito lugares de memória, que segundo o autor são muitos, do material ao simbólico, são: lugares portáteis, topográficos, lugares monumentais. Capazes de parar o tempo, de impedir o esquecimento. E, estes lugares são variados, tanto quanto as possibilidades da memória, e conseqüentemente, quanto as suas ampliações.



Porém, Nora faz uma distinção entre estes lugares que “conservam seu significado em sua existência intrínseca” e aqueles “conjuntos construídos pelo tempo e que tiram sua significação das relações complexas entre seus elementos: espelhos do mundo ou de uma época” (1993, p.26). Estes lugares de memória, assim o são exatamente pelo seu significado temporal histórico, mais do que pela sua arquitetura, pelo seu valor e significado em si.

O autor nos lembra ainda dos lugares de memória que escapam desta relação material, como podemos observar no trecho abaixo:

Desdobrar-se-á o leque dos lugares nitidamente consagrados a manutenção de uma experiência intransmissível e que desaparecem com aqueles que o viveram, como as associações de antigos combatentes, aqueles cuja razão de ser também passageira é de ordem pedagógica como os manuais, os dicionários, os testamentos ou os livros de razão que, na época clássica, os chefes de família redigiam para o uso de seus descendentes (NORA, 1993, p.26).

São os lugares de memória marcados pelo traço do simbólico, do imaterial, dos lugares próximos às experiências vivenciadas.

Assim, apresentando-se como um guardião de memórias locais, da memória de uma comunidade e de uma prática cultural/esportiva, nosso objeto de estudo se configura nas três dimensões que permeiam o conceito de *lugar de memória*: a simbólica, pois está investido de uma aura imaginária, de traço imaterial; a funcional por sua utilidade, sua funcionalidade primeira de local de partidas de futebol e a material por ser a materialidade de um projeto arquitetônico constituído dos aspectos físico, artístico e estético.

#### *O cultural de um patrimônio*

A palavra patrimônio nos remete a vários significados, muitos dos quais, a priori, pouco perceptíveis ou óbvios ou mesmo postos a serem iluminados com frequência. Perspectivas diversas se apresentam a darem suas percepções também diferenciadas deste conceito.

Início meus pensamentos exatamente no ponto que acredito ser o de maior complexidade ao lidarmos com a concretude física de uma edificação. Afinal, numa visão superficial e utilitarista, um estádio nada mais é que uma construção arquitetônica com função e usos muito bem definidos pela comunidade que o constrói e pela que o utiliza.

Entretanto, um estádio de futebol extrapola esta concepção funcionalista e pouco aprofundada que poderíamos ter. Ao promover rotineiramente partidas esportivas, um estádio evoca memórias e subjetividades com a mesma ou maior frequência com que sedia estas partidas.

Sem a identificação de um valor qualquer (mágico, econômico, simbólico, artístico, histórico, científico, afetivo ou cognitivo), a preservação não será deflagrada, ainda que haja o perigo de destruição. (...) Há uma hierarquia de valores, que é mobilizada politicamente para justificar a preservação ou a destruição dos chamados bens culturais (CHAGAS, 2009, p.36).

Quando pensamos que um objeto, lugar ou pessoa tem valor por sua utilidade, reduzimos sobremaneira as suas potencialidades e de certa maneira também subestimamos tal coisa ou pessoa. Pois somos, pessoas e objetos, múltiplos de



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte  
*Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação popular*  
Niterói – RJ  
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

intenções, capacidades e sentidos, e a idéia de percebermos a partir de uma perspectiva contribui para termos uma visão limitada e limitante que se traduz numa realidade fragmentada e despolitizada. Aqui dialogo com Chagas e seus escritos a respeito da relação entre lugar social e o conceito de patrimônio:

Dois ou mais sentidos podem ocupar um mesmo corpo patrimonial, uma vez que eles estão na dependência do lugar social que ao corpo é destinado. Esse lugar social, contudo, é dado pelas relações dos indivíduos e dos grupos sociais com o referido corpo, do que decorrem o seu alto grau de volatilidade e seu baixíssimo grau de fixidez. A capacidade de os corpos patrimoniais encarnarem múltiplos sentidos contribui para a ampliação de tensões e conflitos (CHAGAS, 2009, p.43/44).

O que deve ser posto é que o domínio patrimonial tem uma dinâmica que empreende conversas com memórias, lembranças, esquecimentos e, portanto, encontra-se numa zona de embates simbólicos e culturais.

*O político de um estádio de futebol como forma de reconhecimento identitário*

Desde o terceiro lugar em 1938, vencer uma Copa do Mundo tornou-se uma necessidade para o povo brasileiro, pois nos mostraria que éramos ou nos faria a partir de então uma grande nação.

Ser campeão do mundo no futebol consolidaria um marco da grandeza do Brasil. Há que se entender o porquê da derrota da seleção brasileira, no Maracanã erguido com o propósito nada humilde de festejar a vitória do Brasil em mundiais,

A força com que este esporte se apresenta nas formas de reconhecimento identitário do brasileiro nos fez perceber a importância de adotar o conceito de identidade nacional como uma das principais categorias de análise neste estudo.

Não há como analisar um espaço que congrega semanalmente partidas de futebol de repercussão nacional e internacional sem dialogar com o conceito de identidade nacional. Motivo pelo qual esclareço como tal conceito é entendido neste trabalho, utilizando os pensamentos de Stuart Hall:

As identidades nacionais não são coisas com as quais nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação. Nós só sabemos o que significa ser “inglês” devido ao modo como a “inglesidade” veio a ser representada - como um conjunto de significados - pela cultura nacional inglesa. Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos – um sistema de representação cultural. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação: elas participam da idéia da nação tal como é representada em sua cultura nacional (HALL, 2003, p.49).

Analiso os processos de identidade nacional do brasileiro tendo como um emblema o estádio do Maracanã, considerado por muitos o templo do futebol brasileiro. Utilizo, para tanto, um corte cronológico que se situa entre dois momentos significativos deste esporte dos quais este estádio participa, concomitantemente, como cenário e protagonista: as finais de duas Copas do Mundo – de 1950 e de 2014.

Um local em que há o encontro de pessoas vindas dos mais diversos lugares da cidade e mesmo do país, como a intenção, a priori, de participar de um jogo se constitui, com o passar dos tempos e pela força de uma ritualística que se repete, um lugar de manutenção e de reconfigurações de identidades pelo seu poder simbólico. Assim, coaduno com Stuart Hall quando afirma que:



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte  
*Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação popular*  
Niterói – RJ  
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

as culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso - um modo de construir sentidos que influencia e organiza nossas ações quanto à concepção que temos de nós mesmos (HALL, 2003, p.50).

O Maracanã torna-se, então, a marca de uma representação identitária para o brasileiro. Daí a importância deste trabalho na medida em possa se constituir em referencial que dê subsídios aos indivíduos e a sociedade em geral sustentar debates e propiciar momentos reflexivos acerca de questões relativas à identidade nacional e à memória social de um povo e possibilitar a reflexão crítica sobre espaços e lugares esportivos ritualizados e a análise do processo de patrimonialização de bens culturais a partir de uma historicidade mediada.

*Referências bibliográficas*

- CHAGAS, Mário de Souza. Museus: antropofagia da memória e do patrimônio. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, v. 32, p.15-25, 2005.
- CHAGAS, Mário de Souza. *A imaginação museal: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro*. Rio de Janeiro: MinC/IBRAM, 2009.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2005.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, v.10, 1993.
- THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade – uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2005.